

Noveleta de
um cassado

O cassado (seu nome talvez interesse, mas eu não o digo) estava em má situação financeira, o que é natural. Primeiro, vendeu o automóvel e foi *maneirando* as despesas domésticas. Precisando de ir a São Paulo, lembrou-se que tinha comprado na Europa, antes da revolução, uma vitrola para automóvel. Anunciou nos jornais a venda da vitrolinha e ficou esperando.

Apareceram alguns candidatos, gostaram do aparelho, mas acharam alto o preço: cento e cinquenta mil cruzeiros. A certa altura, surgiu um jovem senhor muito bem apessoado, bem vestido, bem falante. Estranhou também o preço pedido, mas disse que ficaria com a vitrolinha: pedia um desconto de cinco mil cruzeiros, alegando que esta seria a quantia que lhe pediriam para a instalação do aparelho. Abatimento concedido, puxou um livro de cheques. Cheque não, disse o cassado, o comprador que não se ofendesse, mas, compreendesse, aceitar um cheque de um desconhecido...

O comprador compreendeu completamente, e disse quem era: Fulano de Tal, dono exatamente de uma agência de automóveis, morador da Rua Barata Ribeiro número não sei quantos, apartamento 601. O cassado disse que não: não era por desconfiança, mas não aceitava cheque. O comprador prontificou-se a escrever claramente o nome atrás do cheque e seu endereço. Tinha que viajar etc., etc. Então o cassado disse que sim, recebeu o cheque, despediu-se e foi para o interior da casa informar à mulher de que tinha vendido a vitrola. A mulher: "Não vai dizer que você aceitou cheque?"

Claro que houve uma dessas discussões entre marido e mulher: você sempre foi um ingênuo, eu dou um crédito de confiança às pessoas etc. Além do mais, concluiu o cassado, aquele sujeito tinha cara de honesto, nunca me enganou.

Apesar disso, saiu de casa mais cedo e correu ao Banco. A coisa demorava, pediu informações, disseram-lhe que a conta do cliente estava na agência de Copacabana, telefonavam, ele aguardasse com paciência. Um quarto de hora mais, o funcionário do Banco lhe dizia que o cheque não tinha fundo, *sorry*. Na agência de automóveis, não conheciam o homem; o número da Barata Ribeiro nem existia. Então o cassado passou no Banco em que ele próprio tinha um resto de dinheiro, sacou quase tudo e foi pra casa, dizendo à mulher: "Não disse? Tinha fundo."

Deu uma parte do (seu próprio) dinheiro à mulher, guardou quarenta mil cruzeiros foi para São Paulo, de ônibus. No dia seguinte, passava por uma rua do centro da capital paulista quando viu, conversando animadamente com outros homens, quem? O vigarista. Escondeu-se e ficou olhando,

desistindo de abordá-lo no momento, pois a coisa poderia provocar tumulto e, nesse caso, até ele cassado, subversivo para a polícia, provar que não era elefante... Ficou esperando, até que o vigarista se despediu dos outros e, depois de andar um pouco, entrou em um edifício. O cassado telefonou para um advogado amigo, que veio imediatamente, e os dois ficaram aguardando à porta do prédio.

Dai a meia hora, o vigarista salu e o advogado o abotoou logo pelo paletó. Quando o homem deu de cara com o cassado, ficou lívido. Depois do inevitável e confuso bate-bôca, a conversa foi entrando em fase de negociações e o vigarista confessou seu espanto para o cassado: "Eu só queria saber como o senhor, em menos de 24 horas, me descobriu aqui em São Paulo?" O cassado, visando a recuperar o prejuízo, aproveitou a deixa e afirmou que era agente secreto da polícia, apavorando ainda mais o outro. Paga, não paga, senão vai preso, o vigarista acabou por *produzir* uma nota de 100 dólares, com a qual propôs liquidar o negócio. O cassado, depois de alguma dúvida, acabou topando, só mais tarde ocorrendo-lhe que, se a nota não fosse legítima, ele é que seria preso como falsário ou coisa parecida. Terminando a história, voltou ao Rio, onde preferiu trocar a cédula, que, para a sua surpresa, era boa.

Moral: um dia é do caçador, outro do cassado.

Bernard Shaw
no inferno

Um grupo teatral vai levar breve no Rio uma peça de Bernard Shaw, mas é preciso explicar: esta peça está contida em uma outra de grandes proporções — *Homem e Super-homem* — formando uma história independente, já encenada com grande sucesso nos Estados Unidos com o título de *Dom Juan no Inferno*. Bernard Shaw apresenta o inferno como a pátria da fantasia; o céu como a pátria dos donos da realidade, isto é, dos que inventam a realidade ao gosto deles; a terra finalmente é a pátria dos escravos da realidade, um jardim-da-infância onde os homens e as mulheres brincam de heróis e heroínas, de santos e pecadores, e param de brincar quando o peso de seus corpos os arrasta para a crua realidade: a fome, o frio, o sexo, a decadência, a doença, a morte...